

Gli autoritarismi della Libertà: dalla dottrina Hayek al bolsonarismo

Vinícius Nicastro Honesko
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ABSTRACT

The essay analyzes how F. Hayek's economic proposal is fundamental for Bolsonarism in Brazil. It examines aspects of Hayek's according to his statements about Brazilian politics in the 1970s. It introduces two of those responsible for popularizing Hayek in Brazil, and then verifies how the theory of Freedom is incongruent with its actual practice. Finally, it shows how this conception of Freedom is essential for the functioning of Bolsonarism both in safeguarding a protected personal sphere and as the basis of a new politics.

Keywords: Bolsonarism, Hayek, Liberty, politics.

Il saggio analizza come la proposta economica di F. Hayek sia fondamentale per il bolsonarismo in Brasile ed esamina aspetti della teoria di Hayek alla luce delle sue affermazioni sulla politica brasiliana negli anni Settanta. Il testo presenta due dei responsabili della divulgazione di Hayek in Brasile, e poi verifica come la teoria della Libertà è incongruente con la sua effettiva pratica. Infine, mostra come la Libertà di Hayek sia essenziale per il funzionamento del bolsonarismo tanto nella salvaguardia di una sfera personale protetta quanto come base di una nuova politica.

Parole chiave: bolsonarismo, Hayek, Libertà, politica.

Per una discussione sulla problematica del così detto *neoliberalismo* nel Brasile degli ultimi 45 anni, partiamo qui da due momenti: appunto, la fine degli anni Settanta del secolo scorso, quando questo discorso guadagna corpo, solidità e visibilità globale, e la fine degli anni Dieci di questo secolo, epoca dell'intensificazione e accelerazione delle politiche il cui obbiettivo sono stati la dissoluzione delle già precarie strutture di *welfare* in Brasile – una politica dell'incuria, per dirlo con Bernard Stiegler (Stiegler 2015). In questo senso, parto da un articolo del *Jornal do Brasil* del 1° dicembre 1977 e da un frammento di un altro articolo del 28 luglio 2018 del sito *Seu Dinheiro*, un'informativa resa disponibile online nel settembre 2018 dal *Estadão Ventures* – il “braccio di investimenti in nuovi negozi del *Grupo Estadão*” – e dall'Acta – “socio dell'azienda di pubblicazioni finanziari *Empiricus* e di siti come *Antagonista* e *Inversa*” (*O Estado de São Paulo* 2018) –, con dei contenuti aperti e diretto agli investitori singolari del mercato finanziario. L'articolo del *Jornal do Brasil* recita:

O prêmio Nobel da Economia de 1974 Friedrich Hayek propôs ontem um novo “método para a democracia”: a formação de uma assembleia de legisladores profissionais, com mandato de 15 anos e mais de 45 anos de idade e não renovável, para fixar as normas dentro das quais se poderiam manter as assembleias governamentais que funcionariam nos moldes das democracias representativas contemporâneas.

Esse modelo de democracia foi proposto na conferência que o economista e cientista político fez ontem no ciclo Democracia e Estado, promovido pelo grupo editorial Visão no auditório da Hidroservice. A palestra de ontem, sobre Método da Democracia foi intitulada pelo autor de *A Falência Prematura da Democracia* ou, como prefere o Sr. Henry Maksoud, que apresentou o conferencista, *O Aborto da Democracia*.

O erro fundamental das democracias, segundo o professor Friedrich Hayek, foi historicamente não separar as funções de legislar e de governar, entregues sempre ao mesmo grupo representativo da chamada maioria.

O Nobel de Economia criticou o fato de 'não haver limites para o que pode fazer o Legislativo, onipotente e fraco ao mesmo tempo nos Estados modernos' e as 'democracias ilimitadas, que sempre degeneram no sentido de transformar os Governos em meras agências de serviços prestados a determinados grupos específicos, cujo apoio é comprado a base de benefícios e privilégios'.

Legislar, segundo o professor Hayek, significa 'refletir a opinião e não a vontade do povo'. E ele considera essa atividade tão fundamental que propôs a formação de uma Assembleia Legislativa para fixar normas a serem seguidas pelos congressos normais (*Jornal do Brasil* 1977).

D'altra parte, il frammento del sito *Seu Dinheiro* tratta degli incontri tenuti nel *Palácio do Planalto* sulla creazione del comitato di monitoraggio del mercato del gas. L'articolo, infatti, richiama l'attenzione al coordinamento tra i ministri della Pianificazione, Miniere ed Energia e Economia – insieme a coloro che fanno parte del Consiglio Amministrativo di Difesa Economica e dell'Agenzia Nazionale di Petrolio – e si concentra sulle questioni sollevate dall'allora ministro dell'Economia, Paulo Guedes, pochi giorni prima della costituzione del gruppo di lavoro interministeriale. Il frammento è questo:

Guedes iniciou o seu discurso lembrando que o presidente Jair Bolsonaro sempre formulou um enigma: Como pode um país tão rico em recursos naturais assistir ao empobrecimento de seu povo?

Guedes disse que essa era uma pergunta que ele mesmo se fazia 30 ou 40 anos atrás, quando professor de economia. O exemplo da época era o descolamento do crescimento do Japão com o do Brasil. Bolsonaro tem usado como exemplo Israel, um deserto sem recursos naturais que apresenta destacado desenvolvimento.

A resposta, disse Guedes ao presidente, está em dois livros que foram fundidos no programa de governo, batizado, não por acaso, de caminho para a prosperidade.

O primeiro livro é "O Caminho da Servidão", de Friedrich Hayek. A resenha que apresento foi feita pelo próprio ministro: A obra mostra como o estatismo degenera os regimes políticos, cria corrupção e destrói os sistemas econômicos.

Já vimos isso diversas vezes na história. Exemplo recente e próximo: nossos vizinhos da Venezuela que, segundo Guedes, estão sofrendo exatamente da degeneração completa do regime político e econômico, com hiperinflação, destruição de riqueza e milhões de pessoas fugindo do próprio país. Alguns deles buscando sobrevivência aqui conosco.

Como já sabemos como chegamos até aqui, há o outro lado da história: a reconstrução. E o livro citado pelo ministro é "Prosperidade Através da Competição" de Ludwig Wilhelm Erhard, o sujeito responsável pela reconstrução da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial.

Enquanto Hayek explica como os povos degeneram seus sistemas políticos e econômicos por meio do estatismo, Erhard conta e mostra como que por meio do desenvolvimento dos mercados e do estímulo à competição os povos conseguem produtividade e enriquecimento.

Depois de apresentar os livros e falar que o governo tem sim um programa, Guedes disse que a resposta ao enigma do presidente é simples e veio em duas frases: "Nós não despertamos, ainda, as forças de mercado. Jamais despertamos as forças de mercado. O Brasil é um gigante acorrentado. O Brasil é um país amarrado por todos os lados."

Não é por acaso que Bolsonaro, na campanha e agora no governo, sempre fala em tirar o Estado do cangote de quem produz.

A outra frase já é um clássico do ministro: “São 200 milhões de brasileiros atendidos por quatro empreiteiras, quatro bancos, uma produtora e distribuidora de gás, por acaso, pública, mas é uma. Não há surpresa em por que o povo brasileiro segue empobrecido. São poucos produtores, mercados cartelizados, preços caros, e, ainda por cima, uma chuva de impostos. Sobra o quê? Sobra pouco. Então, despertar as forças competitivas é o que nós estamos fazendo desde o início”, explicou (Campos 2019).

L’articolo del *Jornal do Brasil* riguarda la visita – la prima di una serie di tre tra il 1976 e 1981 – del professore Friedrich Hayek in Brasile, invitato dall’imprenditore Henry Maksoud. Nei suoi soggiorni, Hayek ha fatto alcune analisi del sistema politico brasiliano ed economico globale, oltre a dare alcuni suggerimenti sulla politica economica brasiliana: da temi vincolati più direttamente alla teoria della democrazia fino a questioni delicate come l’emissione privata di denaro. Invece, l’articolo su *Seu Dinheiro* è abbastanza chiaro sull’attuale contesto politico brasiliano. Tuttavia, prima di avanzare delle analisi e indicare i perché e le connessioni tra le due note giornalistiche, c’è bisogno di una digressione teorica sulla filosofia di Hayek, il punto fondamentale di ancoraggio del *détour* conservatore-liberale non solo in Brasile ma anche del sistema politico basato sulla produzione dell’incuria.

Tra il 1940 e 1943, Hayek scrive il suo famoso *La via della schiavitù*, pubblicato nel 1944. Elaborato come una critica delle società totalitarie, il libro si propone di tracciare una sorta di esaurimento della modernità – qualcosa che, nello stesso anno, hanno proposto, in chiave assolutamente diversa, Adorno e Horkheimer nella *Dialettica dell’illuminismo* – e, inoltre, espone il nucleo centrale del suo pensiero: come la pianificazione e l’ingerenza statale nel dominio economico inesorabilmente portino le società verso il totalitarismo. In altri termini, Hayek fa notare le sue critiche al nazifascismo, al comunismo, ma anche alla nuova politica delle democrazie occidentali, cioè alle dinamiche del *welfare state* keynesiano.

Nella prefazione scritta nel 1975 per l’edizione americana del libro, Hayek afferma che il socialismo radicale – l’espressione è dell’autore – contro il quale è stato scritto *La via della schiavitù* era già un ricordo del passato, ma le sue concezioni erano talmente entrati nelle strutture sociali – e nelle forme dei governi degli Stati e del *welfare state* – che ogni compiacimento riguardo alle sue tracce dovrebbe essere eliminato (Hayek 1990, p. 12).

Nel 1975, dunque dopo i cicli di rivolte e scioperi tra il 1966 e il 1969, i simili risultati tra il *welfare* e quello che lui chiama socialismo estremo cominciano a indicare quelle che saranno le successive crisi nell’ambito del

capitalismo¹. Anni prima di questa prefazione, nel 1960, Hayek – allora alla vigilia del suo primo decennio all’Università di Chicago – ha pubblicato il suo *The constitution of liberty*. In una sezione significativa di questo capitolo, Hayek afferma che non è possibile opporsi alla libertà sulla base dei desideri individuali, poiché se ne può abusare. Ne trarremmo beneficio solo se accettassimo la sua imprevedibilità, comprese le cose fatte contro i nostri gusti. E conclude: “Our *faith* in freedom does not rest on the foreseeable results in particular circumstances but on the *belief* that it will, on balance, release more forces for the good than for the bad” (Hayek 2011, p. 83 *corsivi aggiunti*).

Cosa sarebbe questo *belief* in una libertà imprevedibile e che – come in una specie di lotta manichea – libererebbe delle forze per il bene? Infatti, si tratta di qualcosa connesso direttamente alla comprensione di Hayek di quello che sarebbe una azione libera, la quale, in un ambiente di concorrenza, realizza la libertà in modo imprevedibile e spontaneo. Pertanto, è necessario che le condizioni di concorrenza – le quale avverranno soltanto nel libero mercato – siano stabilite come condizione a priori per l’equalizzazione – che Hayek chiamerà ‘ordine spontaneo’ – di un sistema sociale complesso. In questo senso, un’azione libera è sempre il risultato non di un calcolo razionale, ma è il fondamento stesso dell’imprevedibile di fronte a questi calcoli. Hayek indica che è nella rinuncia al controllo diretto degli forzi individuali che una società libera potrà beneficiarsi di una conoscenza che supera di gran lunga le possibilità della sua previsione, anche quella del più saggio legislatore (Ibid. p. 82). Infatti, lui scrive che una libertà i cui effetti sono solamente benefici non sarebbe propriamente libertà: “If we knew how freedom would be used, the case for it would largely disappear” (Ibid. p. 83).

Così, per Hayek, non ci sarebbe modo di prevedere l’azione libera, ma questa non potrebbe che essere stimolata da un ambiente di imperiosa concorrenza. L’interpretazione hayekiana dell’azione, infatti, è dovuta alla sua antropologia che, in una certa misura, è presentata nel suo libro di 1973, *Law, Legislation, Freedom*. L’uomo sarebbe un animale che, perseguendo i suoi obiettivi, seguirebbe le norme. Queste sono il risultato di un processo di selezione ed evoluzione della società nella quale il singolo vive, dunque, come prodotto della esperienza di generazioni, le norme non sono intelligibili né possono essere totalmente espresse dal linguaggio. L’orientamento del pensiero

¹ A questo proposito, sono importante le analisi sviluppate da Wolfgang Streeck. Secondo l’autore, dall’inizio degli anni Settanta un acquisto di tempo avrebbe cominciato a essere il punto di appoggio del capitalismo. Sebbene Streeck chiami questo acquisto come un *rinvio della crisi*, penso che sia una forma di attuazione del capitalismo che si stabilisce proprio come mantenimento e costanza della crisi come nuovo *modus operandi* (Streeck 2019).

umano sarebbe così sempre intrappolato in una dinamica individualistica che, ciò nonostante, è frutto della evoluzione delle istituzioni (Hayek 1998a, p. 11).

Quindi, la libertà di perseguire i propri obiettivi funziona come un fondamento di questa interpretazione antropologica hayekiana. Inoltre, lo stimolo alla libertà è la forza motrice di quello da lui chiamato come ordine spontaneo. Hayek afferma che la libera concorrenza è la vera origine delle azioni, le quali promuovono più libertà, così, tanta più libertà viene promossa da un'azione, tanto migliore sarà l'organizzazione della società. In questo senso, in una società in cui la libera concorrenza è organizzata soltanto a partire da regole generali – e dove c'è la consapevolezza generale dell'imprevedibilità delle azioni che si svolgono in questo spazio competitivo – ci sarebbe una selezione spontanea di azioni che implementerebbero la libertà².

Contro l'argomento secondo cui il suo ragionamento sarebbe una forma di darwinismo sociale, Hayek sottolinea gli errori fondamentali di quest'ultimo: il fatto di considerare gli individui e non le istituzioni e le sue pratiche come oggetto di selezione; concentrare la selezione nelle attitudini innate e non in quelle culturalmente trasmesse (Hayek 1998a, p. 23). Quindi, le azioni libere che stimolano il processo di selezione delle istituzioni non sarebbero innate, ma frutto di costruzioni culturali in evoluzione. Pertanto, per Hayek, è in questo processo di trasmissione culturale che si consoliderebbero gli ordini spontanei, in modo che questi non possono essere razionalmente creati – tanto più complesso l'ordine tanto, più efficace questo meccanismo – ma che sia la società ad avere il compito di stabilire le condizioni affinché questo ordine si formi. Scrive Hayek: “the order, in other words, will always be an adaptation to a large number of particular facts which will not be known in their totality to anyone” (40). Da questo fatto, potremmo soltanto prevedere il carattere generale dell'ordine, ma non la posizione specifica di ciascuno degli elementi del sistema (41-42). Un ordine sociale spontaneo sarebbe veramente effettivo nella misura in cui non vi fosse alcuna pretesa di pianificazione o di patto sociale che generasse forme decisionali collettiviste. Infine, afferma che l'obiettivo dell'uomo sarebbe quello di ottenere mezzi – che nella “società avanzata” sarebbero il denaro – per particolari bisogni futuri. Guidato dal sistema dei prezzi, può utilizzare la sua conoscenza dell'ambiente per scegliere il suo obiettivo o ciò che ritiene possa portare risultati migliori. Cioè, gli obiettivi immediati, scelti attraverso la

² Per quanto riguarda la concorrenza, Hayek è consapevole della questione del monopolio. Per lui, però, questo non è un inesorabile problema del *laissez faire*, ma ha anche la sua origine nella dimensione dell'intervento dello Stato. Hayek usa come esempio la Gran Bretagna, dove, prima del 1930, in un contesto senza le intervencioni statali, la formazione di monopoli era molto difficile (Hayek 1990, pp. 65-69). In nessun momento, tuttavia, Hayek tocca la dimensione coloniale britannica. Ossia, tutta la sua argomentazione rimuove dall'orizzonte la produzione e l'estrazione della ricchezza che gli inglesi guadagnavano dalle loro colonie.

conoscenza privata delle circostanze da parte degli individui, porterebbero benefici ai loro simili. E dice: “and it is thus due to the freedom of choosing the ends of one's activities that the utilization of the knowledge dispersed through society is achieved” (Hayek 1998b, 9).

Cioè, solo attraverso regole generali che funzionino come orientamenti astratti in termini sociali – da qui la proposta di un legislatore professionale – e che rendano possibile il libero mercato, sarebbe possibile l'equilibrio delle istituzioni e la promozione di azioni libere. La competizione, come principio naturale che aiuta alla selezione delle migliori imprese personali, è una condizione *sine qua non* dell'ordine spontaneo. Non un patto razionalizzato per stabilire i limiti e i comportamenti (qualcosa che potrebbe figurare in alcune forme del liberalismo classico). Per questo, la ragione funzionerebbe soltanto come garanzia di *sicurezza* affinché i postulati generici, che non riguardano l'organizzazione sociale stessa, funzionino, e questa sarebbe la condizione di possibilità per costituire una società in cui la prescienza e la pianificazione vengano ridotte al minimo – in altre parole, solo lo stabilimento delle condizioni della concorrenza è fondamentale. Sembra che non si tratti più di un patto sociale, ma di qualcosa come la creazione, attraverso l'intervento di una forza dell'autorità, di una sorta di fondamento mistico del sistema che ha il suo punto di appoggio nella concezione dell'uomo come *l'animale che segue le norme*, del campo competitivo in cui si manifesta la libertà e nel quale non può avvenire alcun intervento di matrice coercitivo-collettivista, se non il gesto iniziatore, il gesto fondativo (cioè, lo stato, che rappresenta la sicurezza, come minimo regolatore del campo di tensioni della concorrenza). Affrontando la questione della fondazione dell'ordine politico-giuridico – la sovranità e la sua correlazione con l'obbedienza –, Hayek afferma che molte delle confusioni moderne sono dovute a una questione di principio: la comprensione della legislazione come unica fonte del diritto. Basandosi su una differenziazione tra volontà e opinione – attraverso la quale cerca di aggirare il paradosso della sovranità³ – afferma:

The power of the legislator thus rests on a common opinion about certain attributes which the laws he produces ought to possess, and his will can obtain the support of opinion only if its expression possesses those attributes. [...] we shall use the term 'opinion', as distinct from an act of will on a particular matter, to describe a common tendency to approve of some particular acts of will and to disapprove of others, according to whether they do or do not possess certain attributes which those who hold a given opinion usually will not be able to specify. So long as the legislator satisfies the expectation that what he resolves will possess those attributes, he will be free so far as the particular contents of its

³ Sulla questione del paradosso della sovranità: Agamben 1997; Ibid. 2003; Buck-Morss 2018; Negri 2002.

resolutions are concerned, and will in this sense be 'sovereign'. But the allegiance on which this sovereignty rests depends on the sovereign's satisfying certain expectations concerning the general character of those rules, and will vanish when this expectation is disappointed. In this sense all power rests on, and is limited by, opinion (Hayek 1998a, p. 98)

In questo gioco tra opinione e sovranità, tuttavia, oltre a trascurare il problema della violenza sovrana – sia la sua origine che il monopolio del suo uso –, Hayek è ben lungi dal fornire una soluzione alla questione della legittimità democratica. Fondare, istituire, un potere e allo stesso tempo limitarlo ricade, e non potrebbe essere diversamente, nella definizione che il teorico Carl Schmitt dà dell'eccezione sovrana: il sovrano che, paradossalmente, è dentro e fuori l'ordinamento giuridico e ne decide addirittura l'eventuale sospensione totale (Schmitt 2001, p. 24). Cioè, il sovrano, che è al di sopra della legge, dichiara paradossalmente che non c'è nessuno al di sopra della legge. Con la sua ipotesi di ragionamento negativo – che mette come sfondo la figura astratta dell'opinione, un nulla e al tempo stesso un qualcosa⁴, dunque, che funge da fondamento –, Hayek non solo non risolve il paradosso della sovranità, ma finisce per rafforzare qualcosa che lui stesso confuta: il decisionismo di matrice eccessiva che, pur non essendo propositivo, è ciò che mette in moto, sovranamente, la macchina dicotomica Stato/Economia istituita da Hayek⁵.

Nella sua filosofia della libertà, Hayek elabora una sorta di teoria dell'evoluzione sociale in cui gli uomini, senza intenzionalità, scoprono gli strumenti e le abitudini più efficaci e vincenti per il loro adattamento. In questo senso, la libertà non sarebbe un dato naturale, ma una costruzione di civiltà involontaria la cui definizione ultima sarebbe l'azione dell'individuo libero da qualsiasi costrizione altrui – soprattutto la coercizione dello Stato, che custodirebbe, sotto le spoglie di una libertà collettiva, solo una sottomissione per gli individui. Abbiamo così uno schema del costrutto teorico di Hayek: da un lato, la *ragione* come garanzia di sicurezza minima sotto forma di un postulare di regole generali che non farebbero altro che fornire le condizioni per la possibilità della libera concorrenza; e dall'altro, la *libertà*, che può essere effettiva e non una mera possibilità di agire solo all'interno della libera concorrenza. In altre parole, la ragione dovrebbe sottomettersi alla libertà come lo Stato all'Economia.

⁴ In questo senso, il ruolo dell'opinione sarebbe una sorta di mito fondativo – insieme al mito della libertà – dei postulati di Hayek. A questo proposito, sono importanti le analisi di Furio Jesi, soprattutto il suo concetto di macchina mitologica sviluppato in tre testi fondamentali: *La lettura del 'Bateau ivre di Rimbaud'* (Jesi 2013b, pp. 30-60), *La festa e la macchina mitologica* (Jesi 2001, pp. 81-120) e *Conoscibilità della festa* (Jesi 2013a, pp. 61-115).

⁵ Per un'associazione ancora più chiara tra la questione dell'*eccezione* politica in Carl Schmitt e l'idea del miracolo economico in Hayek: Karmy 2016.

Proprio in vista della creazione di questa sottomissione, Hayek può parlare di democrazia illimitata e di democrazia limitata. A suo parere, la democrazia illimitata rappresenterebbe, come un cavallo di Troia, le decisioni progettuali della ragione – sicurezza – nello spazio della libertà, il quale dovrebbe essere del tutto franco. In altre parole: le democrazie, con il loro sistema di costruzione legislativa e di organizzazione della vita sociale, porterebbero clandestinamente a decisioni collettive in questo spazio, in modo tale da minare ogni possibilità per una vera competizione. Da qui la necessità di limitare la democrazia. Le sue ipotesi, dunque, sono le giustificazioni di questo suo credo nella libertà, e per questo la differenziazione tra la volontà e l'opinione del popolo e l'indicazione di un legislatore professionale che stabilisca in anticipo i criteri fondamentali per l'instaurazione del libero mercato per la libera concorrenza. In una società caratterizzata dalla complessità relazionale, quale la moderna società industriale, la volontà di controllare consapevolmente le condizioni della concorrenza sarebbe destinata al fallimento e, pertanto, dovrebbe essere limitata. In che modo? Come ho detto, secondo regole generali che operano a livello della struttura stessa della società. È in questo senso che Hayek afferma che in questa complessità, l'unico sistema in grado di generare spontaneamente un ordine è il sistema dei prezzi: un modo automatico di registrare gli effetti rilevanti delle azioni individuali che, per esistere, hanno bisogno di un regime di libera concorrenza. Come una guida per gli imprenditori, che potrebbero adeguare le loro azioni alle fluttuazioni dei prezzi, il sistema adempirebbe la sua funzione solo in un ambiente in cui predomina la concorrenza, cioè se il produttore potesse solo adattarsi e non controllare il sistema. Man mano che il sistema diventa più complesso, diventiamo sempre più dipendenti dalla divisione della conoscenza tra individui coordinati attraverso questo meccanismo impersonale, il sistema dei prezzi (Hayek, 1990, pp. 67-68).

È così che Hayek costruisce un intero dispositivo argomentativo per consolidare il carattere inesorabile che, a suo avviso, lega democrazia e capitalismo. E da ciò dichiara che solo nel quadro del capitalismo, in quanto sistema di concorrenza basato sulla libera disposizione della proprietà privata, la democrazia è possibile. Inoltre, sostiene che se questa viene dominata da dottrine collettiviste sarà distrutta (Ibid. p. 92).

Si comprende in questo modo perché la divisione tra democrazia illimitata e democrazia limitata (da lui chiamata *demarchia*) diventi imperativa: la democrazia illimitata finirebbe per corrompersi con decisioni collettiviste a causa della confusione che provoca tra volontà e opinione generale, trasformando i governi in agenzie di interessi di determinati gruppi, mentre la democrazia limitata, per il suo carattere unicamente regolatore degli elementi volti a garantire la libera concorrenza, sarebbe l'unica in grado di garantire un possibile

ordine spontaneo in cui si manifesterebbe la vera libertà. Cioè, tornando al discorso del ministro Paulo Guedes, ci rendiamo conto che l'idea di questa concezione di libertà è sempre legata al risveglio delle forze competitive.

Bisogna però, dopo questa digressione teorica, rilevare alcuni aspetti esplicativi riguardo a questa concezione della libertà e anche dei suoi difensori. Abbiamo visto che tra il 1977 e il 1981 Hayek è stato in Brasile in tre occasioni su invito dal businessman Henry Maksoud.⁶ Dieci anni prima, negli anni Sessanta, Maksoud aveva approfittato della riserva di mercato nel settore dell'informatica messa in atto dai militari per fondare SISCO, azienda che sviluppava sia hardware che software ed era tra i detentori delle maggiori fette del mercato brasiliano. Maksoud è stato anche il costruttore, nel 1979, e proprietario del famoso albergo di São Paulo che porta il suo nome – dove si sono svolte parte delle lezioni del professor Hayek. Oltre a questo lungo primato nel settore metalmeccanico, Maksoud acquistò, nel 1974, la casa editrice Visão ed è sulla rivista e attraverso la casa editrice Visão che diventa uno strenuo difensore dei valori del libero mercato – oltre ad aver acquistato una fascia oraria su TV Bandeirantes, su cui ha condotto il programma *Henry Maksoud e você*, un *talk show* in cui ha intervistato personalità dell'ambiente politico ed economico brasiliano; inoltre, è attraverso Visão che vengono pubblicate le prime edizioni brasiliane di Hayek, tra cui *Direito Legislação Liberdade*, pubblicato nel 1985, tradotto dallo stesso Maksoud, che fa anche la prefazione, e finanziato dall'Istituto Liberale di Rio de Janeiro⁷.

L'Istituto Liberale era appena stato fondato (1983) a Rio de Janeiro da Donald Stewart Jr.. Nato a Rio de Janeiro da genitori canadesi, Stewart Jr. ha fatto carriera presso la società di costruzioni ECISA, di cui è stato presidente per molti anni. Oltre ad essere il primo imprenditore specializzato nella costruzione di centri commerciali nel paese, è stato responsabile di decine di lavori pubblici durante il regime militare in Brasile⁸ e anche all'estero, come l'autostrada

⁶ Nel 1958, Maksoud fonda l'azienda Hidroservice, la quale è responsabile per dozzine di opere nell'ambito dell'amministrazione pubblica all'epoca della dittatura militare (1964-1985). È importante sottolineare che Hidroservice aveva due segmenti nel settore agroalimentare: Hidroservice Centro-Oeste Agropecuária e Industrial Ltda. e Hidroservice Amazônia Agropecuária Industrial Ltda. Entrambe, durante il regime militare, hanno tratto benefici dalle politiche fiscali del governo e dalle agenzie di sviluppo del governo come SUDAM (Soprintendenza per lo sviluppo d'Il'Amazzonia) (Fonseca 1994, p. 31).

⁷ Per un'idea generale della formazione di istituti per la diffusione delle idee del libero mercato: Onofre 2018. Anche la recente ricerca di Camila Rocha (Rocha 2021), *Menos Marx, mais Mises*, in cui l'autrice sottolinea come l'ideologia neoliberale sia stata deliberatamente propagata negli ambienti imprenditoriali brasiliani tra il 1982 e il 1997.

⁸ Come la sede del Banco do Brasil a Brasília e al tratto Rio-Bahia dell'autostrada BR116.

Morogoro-Dodoma, in Tanzania.⁹

È proprio nell'anno di consegna dell'opera in Tanzania, il 1983, che Stewart Jr. fonda l'Istituto Liberale Brasiliano, lo stesso anno in cui divenne un assiduo collaboratore del *Jornal do Brasil*, dove scrisse più volte in difesa del libero mercato – ad esempio, il testo *Como Privatizar a Petrobrás*, del 18 giugno 1983. Dopo essersi diffuso in diverse città brasiliane nei primi mesi della sua fondazione, l'Istituto Liberale finanziò pubblicazioni e si attivò nella promozione di corsi ed eventi in difesa del libero mercato, svolgendo anche un ruolo di primo piano nell'opposizione ad alcune delle proposte che avrebbero fatto parte della Costituzione del 1988. Operativo fino ad oggi, l'Istituto Liberale ha avuto tra i suoi presidenti figure come l'economista (e soprattutto *digital influencer*) Rodrigo Constantino, che nei suoi testi spesso elogia sia la traiettoria di Henry Maksoud che quella di Donald Stewart Jr., lasciando tuttavia da parte i riferimenti all'imprenditorialità legata allo Stato e, soprattutto, all'"imprenditorialità salvaguardata dalla riserva di mercato" durante la dittatura militare.

Ebbene, questa piccola indagine sui propagatori del pensiero del libero mercato in Brasile sembra darci qualche indizio su come viene intesa la libertà in questione. I due diretti responsabili dell'ingresso del pensiero di Hayek in Brasile hanno nei loro curricula – così come nell'accumulazione delle loro fortune – sia finanziamenti pubblici che partenariati economici con stimoli pubblici che, peraltro, si sono concretizzati proprio nel momento di restrizione delle libertà in Brasile: la dittatura militare. In una logica simile a quella utilizzata da Hayek nell'eludere il paradosso della sovranità, i liberali brasiliani fanno appello a una comprensione della libertà, la loro, che è diventata possibile solo in base alla logica contro cui si oppongono, quella dell'intervento politico nell'economia. Contro una presunta minaccia comunista che si insinua in ogni forma di razionalità e pianificazione economica, si appella ad una dottrina della libertà che prevede l'espansione della felicità, anche se per questo sia necessario distruggere ogni altra concezione di libertà e stare zitti di fronte alle ingiustizie e alla violenza della dittatura militare. Dopo quasi quarant'anni di attività dell'Istituto Liberale,

⁹ Per anni la ECISA è stata tra le cinque maggiori aziende di costruzioni edili in Brasile ed è stata coinvolta nella realizzazione di una delle prime grandi opere di un'azienda brasiliana nel continente africano, come giustamente l'autostrada Morogoro-Dodoma, di 260 km, in Tanzania, che ha richiesto un gigantesco compito logistico da parte di ECISA (Frank 1983). Quest'opera è stata finanziata da Cacex – *Portafoglio per il commercio estero* del Banco do Brasil creato da Getúlio Vargas nel 1953 – e, curiosamente, è stata ritardata di circa sei mesi a causa dello sciopero dei metallurgisti della ABC nel 1980, da cui provenivano gran parte dei macchinari utilizzati dalla società di costruzioni. Poco dopo la sua conclusione, il governo della Tanzania non è riuscito a pagare il governo brasiliano e il debito, di 250 milioni di dollari, è stato pagato alle casse pubbliche brasiliane solo nel 2018 – dopo la trattativa del Club di Parigi, quando nel 2000 e nel 2002 i paesi creditori dei paesi africani poveri si sono incontrati per stabilire modalità di condono di questi debiti (Governo do Brasil 2019).

il silenzio non è quasi più necessario. La comprensione della libertà e della giustizia diffusa negli ultimi 45 anni funziona come una lente che deliberatamente rivede e nega la storia. Tale comprensione, introiettata da soggetti che si vedono come piccoli imprenditori di sé stessi – compresi quelli che soffrono proprio a causa di questa logica –, trasforma la comprensione della storia e dei soggetti nella storia, in modo tale che questi soggetti si vedano in una nuova e folgorante storia in cui il termine *umano* funzioni soltanto come qualitativo di *capitale*.

Questo riarrangiamento organizzativo del capitalismo globale – il costante acquisto di tempo (Streeck, 2019) o capitalismo di shock (Klein, 2008) o ancora rentier capitalismo (Bresser Pereira, 2018)¹⁰ – e delle sue forme di produzione¹¹ ovviamente si riflette nelle pratiche politiche. L’espansionismo globalizzante del

¹⁰ Nelle sue analisi su quello che nomina il *capitalismo finanziario-rentier*, Bresser Pereira ricostruisce quello che sarebbe la formazione di un’élite di rentier e la forgiatura di una “ideologia neoliberista” attraverso l’ipotesi di aspettative razionali e di repressione finanziaria, che non sarebbe altro che, parole dell’autore, “platonismo matemático dos acadêmicos e não podia ser empiricamente falseado” (Bresser Pereira, 2018). Secondo l’autore, la costituzione di questa forma di capitalismo è avvenuta in due fasi: la prima, quando gli eredi delle grandi imprese trasferiscono la gestione aziendale a professionisti economici; la seconda, più recente, quando la proprietà di queste società viene trasferita a finanziatori professionisti che pongono come obiettivo primario di ogni attività economica il rentierismo. Poi indica come la teoria principale-agente – che, in modo ovvio, indicherebbe la necessità di subordinazione dell’esecutivo al rentier (Gregoire Chamayou, in *A sociedade ingovernável*, analizza in dettaglio la questione – Chamayou, 2020) – acquisisce importanza come forma di salvaguardia di questo rentierismo internazionale, che alimenta una forma regressiva di capitalismo. Cioè, parole dell’autore, “Isso quer dizer que a lógica do capitalismo mudou. Deixou de ser a lógica (1) do lucro; (2) da acumulação de capital; e (3) da inovação, para ser a lógica; (4) dos rendimentos do capital (juros, dividendos e rendas imobiliárias elevadas); (5) do controle da inflação para que esses rendimentos não percam valor; e (6) do ‘controle’ da dívida pública e da dívida privada para manter os devedores pagando o nível mais alto de juros compatível com sua solvência.” (Bresser Pereira, 2018). Infine, afferma che, nel caso brasiliano, sono questi rentier a costituire l’élite economica, la quale si identifica quindi “com as elites internacionais, não com o povo” (ibid). In un certo senso vicino a Bresser Pereira, André Lara Resende, uno dei mentori del *Plano Real*, ha recentemente pubblicato un piccolo libro, *Camisa de força ideológica*, in cui sottolinea la natura inevitabile delle dinamiche ideologiche nella teoria economica, anche se gli economisti ancora si appoggiano in discorsi di neutralità scientifica (Lara Resende, 2022). Sebbene queste analisi siano rilevanti, è necessario sottolineare che la riorganizzazione di questo capitalismo è in corso in accordo con delle proposte politiche, come il trumpismo e il bolsonarismo, che apparentemente sembrano mettere in questione (la tesi di Bresser Pereira) l’intera dinamica del rentierismo. Qui, vogliamo mostrare come queste stesse élite rentier anzi coesistono bene – potremmo dire in simbiosi – con queste proposte.

¹¹ Ovvero produzione di valore da altri movimenti di estrazione primitiva, sia da un neocolonialismo ancorato a grandi imprese transnazionali che sponsorizzano pratiche *neo-schiaviste* negli stati periferici sia di sfruttamento dei dati prodotti dai feedback nelle dinamiche cibernetiche.

capitalismo non ha avuto problemi con i movimenti di ritrattazione e di isolamento culturale nelle loro forme canoniche; queste sono state invece attualizzati dalle stesse dinamiche materiali della circolazione informativa e finanziaria. Patriottismo/nazionalismo, xenofobia, isolazionismo di ogni genere: tutte queste dinamiche vengono attualizzate in forme *neotradizionali* fondate su una idea di salvataggio di una tradizione – a volte una tradizione molto ampia, come quella della Civiltà Occidentale, a volte più settoriale, come i nuovi nazionalismi o la paura del pericolo rosso che sarebbe sponsorizzato da un cosiddetto *globalismo* – presumibilmente ed ideologicamente perduta.¹²

In qualche modo, questa perdita (o la minaccia di degenerazione di un mondo immaginario) ha iniziato ad essere percepita come sentimento capace di unire gli espropriati. Inoltre, questa mobilitazione attorno a una comune sensazione informe – qualcosa di non stabilito statisticamente dalla logica della razionalità moderna – ha iniziato ad essere sfruttata dai nuovi assemblaggi del capitalismo: un'economia basata sul contesto informativo delle reti cibernetiche, divenuta una sorta di universale-singolare capace di mobilitare masse oltre gli spazi. Masse diverse, dunque, da quelle descritte da Elias Canetti, poiché gli spazi, un tempo fondamentali per la formazione delle masse, sono ora cibernetiche, scrutati, sorvegliati e sistematizzati funzionalmente dalle corporazioni transnazionali e sono diventati una sorta di ecosistema di effettiva agenzia di affetti e popolazioni.

Questo contesto sfuma completamente nell'espansione decennale di una logica neoliberista individualizzante che, a sua volta, più di un semplice contesto, è agente, operativa, capace di alterare le percezioni soggettive del mondo. Il mondo, infatti, rappresentato come un flusso infinito di informazioni a portata di mano tramite smartphone, appare agli individui come una massa omogenea permeabile a chi riesce a superare le dinamiche competitive: una giungla dove la competizione è la legge naturale e come tale è l'orizzonte finale per chi si risente delle perdite e ha paura dell'ignoto rispetto alla presunta affidabilissima tradizione dei tempi antichi. Nel primo decennio degli anni 2000 ci sono stati movimenti espressi in questa direzione: dalla Brexit all'elezione di Donald Trump negli USA, dall'ascesa di nuovi imprenditori miliardari che comandano i social network all'elezione di Jair Bolsonaro in Brasile. Sebbene ci siano peculiarità e specificità in ognuna di queste vicende, è possibile rilevare che, sullo sfondo, ci sono fattori comuni legati, soprattutto, al consolidamento, negli ultimi 45 anni, di un'ideologia – una mitologia – neoliberista. E ciò, non senza

¹² Sul salvataggio del tradizionalismo, cf. Brown, 2019, pp. 109-150. È interessante sottolineare che il richiamo al tradizionalismo sostenuto dalla dottrina di Hayek (e soprattutto di Von Mises) è estremamente presente nei testi del filosofo-guru del bolsonarismo, Olavo de Carvalho (e.g. Carvalho 2005; Carvalho 2008). Questa appropriazione di Carvalho richiederebbe studi futuri.

collegamenti specifici: torniamo ad Hayek.

Quando egli fa riferimento alla costituzione di una tradizione in cui la sopravvivenza delle istituzioni è dovuta alla loro competizione, forgia, allo stesso tempo, un meccanismo evolutivo che giustifica le attuali istituzioni vincenti. Così, la dequalificazione dell'azione politica statale, il rifiuto della politica come forma di interventismo in questo meccanismo e la conseguente affermazione di un ordine spontaneo fondato su un'*eredità tradizionale* di matrice eminentemente economica, tutto questo in concomitanza con le continue crisi del capitalismo (oltre che alle sempre crescenti rivendicazioni sociali di uguaglianza: sociale, razziale e di genere), hanno alimentato l'emergere di forme politiche che mobilitano risentimenti per un attacco alle istituzioni statali in nome di una libertà che, al limite, è lo specchio di quello proposto dal neoliberalismo hayekiano: un grido per la non coercizione e per il diritto, nella competizione generale, di usare tutte le armi possibili – che, in paesi come il Brasile, può essere di più che una metafora.

Analizzando il lavoro di Hayek, Wendy Brown richiama l'attenzione su come avviene la concomitante organizzazione tra mercato/libertà e moralità tradizionale. Indicando lo svuotamento della politica come istanza di organizzazione degli interessi pubblici, Brown dimostra che per Hayek sarebbe necessaria un'espansione di una *sfera personale protetta*, cioè un iperindividualismo, per forgiare un costrutto in cui la vera libertà potrebbe essere stabilita solo con il rispetto illimitato dell'ordine spontaneo; questa sfera personale protetta avverrebbe solo in un ambiente di norme tradizionali e strutturanti della civiltà e senza intervento politico. Insomma, ci sarebbe una simmetria ontologica tra codici morali e regole di mercato che, nel processo evolutivo, produrrebbe comportamenti e favorirebbe l'adesione volontaria senza coercizione indipendente dalla razionalizzazione. Così, la salvaguardia della *sfera personale* garantirebbe la migliore possibilità evolutiva delle istituzioni e, di conseguenza, l'unica garanzia di promozione della libertà, fatto che sarebbe in completo antagonismo con politiche pubbliche positive (Brown 2019, pp. 96-108).

In Hayek, dunque, c'è questa forma mitologica di costruzione di una Libertà¹³ che è stata diffusa come credo dai promotori di quella che viene chiamata ortodossia economica. In Brasile, come abbiamo detto, la *dottrina Hayek* ha preso importanza con Maksoud e Stewart Jr. tra la fine degli anni 70 e i primi anni 80. Camila Rocha (Rocha 2021) mappa come da allora, soprattutto con l'Istituto Liberale, questa dottrina si sia diffusa prima negli ambienti imprenditoriali e, con l'emergere dei social network, abbia guadagnato spazio tra

¹³ In maiuscola in riferimento a Jesi, che indica in questo uso il funzionamento della cultura di destra, cioè la costituzione di "idee senza parole" che, in fondo, sarebbe incomunicabile, ma vissuto (Jesi 2011, p. 24-25) e basata su un passato idealizzato.

i giovani e come poi sia stata capitalizzata da gruppi conservatori – difensori della Libertà (come il MBL, Movimento Brasile Libero), refrattari alle politiche pubbliche di carattere sociale e affermati di una cosiddetta moralità tradizionale e di un discorso di moralizzazione della politica¹⁴ – fino alla sua ancora più grande diffusione attraverso l’uso ostensivo di social network come *WhatsApp* in Brasile¹⁵. *Salvando* i valori di un Brasile incontaminato con slogan come “Dio, patria, famiglia e proprietà”, questi gruppi hanno trovato nella figura di un deputato federale dai discorsi diretti ed esplosivi – che, tuttavia, incarnavano valori potenti del tradizionalismo brasiliano – il suo esponente, il suo *mito*¹⁶: Jair Bolsonaro. Oltre ad essere un politico che parla nei termini della gente, Bolsonaro faceva anche parte di un’istituzione che viene considerata, in chiaro revisionismo, come necessaria alla difesa della libertà: l’esercito.

Nella storia recente del Brasile, la difesa dei militari contro l’accusa di crimini dittatoriali si è sempre basata sul discorso di che c’era una minaccia comunista al Brasile, i cui segni erano chiaramente visibili nelle riforme di João Goulart. L’istituzione dell’Esercito non ha mai smesso di essere, agli occhi degli strati brasiliani più conservatori, un’istanza per la difesa della Libertà – João Cezar de Castro Rocha vede infatti la recente ascesa dell’estrema destra nel paese come risultato di un processo i cui modi di funzionamento erano già ideologicamente radicati nell’esercito brasiliano (Castro Rocha 2021, pp. 200-307). L’esercito, dunque, come difensore della Libertà e dei valori tradizionali – un fatto che ha profonde ripercussioni sulla società brasiliana, basti pensare alla recente militarizzazione delle scuole secondarie sostenute da una percentuale significativa della popolazione – e che, ora, dopo la ridemocratizzazione, troverebbe una voce. Questo amalgama di *idee senza parole*, inoltre, ha trovato un efficace mezzo di propagazione sui social network e ha forgiato un movimento ad ampio spettro capace di eleggere Jair Bolsonaro a presidente della repubblica.

¹⁴ Sebbene non sia scopo di questo saggio analizzare le cosiddette *Giornate di Giugno di 2013*, è necessario ricordare che il potere dirompente delle manifestazioni è stato utilizzato molto meglio dai discorsi reazionari che dalle strutture governative dell’allora presidente Dilma Rousseff o anche dalla sinistra non-istituzionale. Il discorso contro la rappresentazione politica convenzionale e contro la struttura corrotta della politica brasiliana ha finito per essere appropriato da un’agenda moralizzante e vendicativa – soprattutto contro il Partito dei Lavoratori (PT), allora al potere – che, in concomitanza con l’operazione Lava Jato, è diventata il *mainstream* della TV nazionale.

¹⁵ È fondamentale sottolineare il fatto che tutti gli operatori telefonici brasiliani forniscono un accesso illimitato ai social network come Facebook, Whatsapp e Instagram. Tenendo conto che, secondo uno studio della Fundação Getúlio Vargas, in Brasile ci sono in media 2,2 cellulari per abitante, è possibile ritenere che la penetrazione delle reti sia indiscutibile. Letícia Cesarino fa un’analisi della *crisi del sistema di periti* come uno dei motori della forza dei social network (Cesarino, 2021).

¹⁶ Bolsonaro è chiamato *Mito* dai suoi seguaci più fedeli.

Il *bolsonarismo*, in questo senso, è qualcosa che va oltre Bolsonaro: ancorato alla sopravvivenza di certe dinamiche radicate nella storia brasiliana, come il razzismo strutturale (Almeida 2019) e la costituzione sociale ancora molto debitrice dell'eredità coloniale, possiamo anche leggerlo come una forma di radicalizzazione del modello del neoliberalismo. Le denunce fatte dal bolsonarismo nei confronti del patto sociale come collusione di un modello operativo della cosiddetta *vecchia politica*¹⁷ funzionano come la nota chiave di un discorso liberatorio: è necessario eliminare i tiranni che, contro la popolazione brasiliana, monopolizza la ricchezza e strumentalizza il potere a proprio vantaggio, usando a tal fine ogni forma di diritto e di potere disponibile. Meccanismo facilitatore di questa tirannia sarebbe stato, appunto, il sistema politico basato su un patto organizzativo e direttivo della libertà. Non stupisce che, nel discorso bolsonarista, qualsiasi azione statale con un significato inclusivo – di assistenza sociale, diciamo – sia qualificata come “comunista” o “di sinistra”, senza alcuna sfumatura. Infatti, oltre ai discorsi di Guedes, ma ancorato su questi, il governo di Bolsonaro ha tentato di privatizzare diversi enti pubblici – essendosi però bloccato per la mancata articolazione istituzionale con i poteri legislativo e giudiziario – e, di fatto, è riuscito a realizzare un numero consistente di privatizzazioni.¹⁸

Il neoliberalismo bolsonarista, quindi, come operatore di una rivoluzione conservatrice – che funziona anche come controrivoluzione preventiva, prendendo in prestito le analisi del fascismo di Luigi Fabbri negli anni '20 (Fabbri, 2009) – funziona con tutte le contraddizioni su cui richiamiamo l'attenzione in Hayek: la fede in una libertà che, a sua volta, dipende dalla violenza della sovranità come garanzia per essere attuata. Il disprezzo delle condizioni storiche attraverso una lettura che oblitera la spoliazione coloniale storica che è alla base del capitalismo, quando chiamata a credo in un paese come il Brasile, produce e accelera processi di ancora maggiore concentrazione del reddito, di aumento della violenza sociale e, contrariamente di ciò che viene proposto discorsivamente, il consolidamento delle élite politiche tradizionali (non sorprende che l'operazione del governo Bolsonaro contasse su un

¹⁷ Termine utilizzato dai bolsonaristi – e dallo stesso Jair Bolsonaro, pur essendo stato deputato per oltre 25 anni – per nominare l'intero sistema politico brasiliano, con un riferimento mitologico a figure di corruzione, *coronelismo*, inefficienza e, insomma, a vari mali che sarebbero parte strutturale dell'intera dinamica politica.

¹⁸ Per una panoramica dei tentativi di privatizzazione falliti e riusciti, il quotidiano *Gazeta do Povo* – quotidiano al cui sede è nella città di Curitiba, dove aveva sede l'operazione Lava Jato, e completamente allineato al bolsonarismo – presenta un elenco (Gazeta do Povo, 2023).

Congresso nazionale desideroso di risorse – emendamenti parlamentari – che sono stati loro concessi senza grandi riserve da Bolsonaro)¹⁹.

A differenza dei Paesi dove il benessere sociale aveva una certa forza, però, in Brasile – come negli angoli coloniali del pianeta – i postulati neoliberisti tendono a trovare, da un punto di vista ideologico e in un orizzonte mitico, un'accoglienza ancora più naturalizzata: la lotta quotidiana per le elementari condizioni di sussistenza è già una costante secolare e, quindi, il detto popolare "ciascuno per sé, Dio per tutti" può essere facilmente trasformato in "Brasile sopra tutto, Dio sopra tutti"²⁰. Questo gioco del "si salvi chi può", il cui sfondo universale è la guerra civile – eufemisticamente ribattezzata con il termine concorrenza –, ha, sulla scacchiera chiamata Brasile, le raffinatezze della crudeltà di ogni padrone nei confronti del suo schiavo.

Anche se il grido di un popolo unito dai desideri divini è una costante nel discorso del "mito" Bolsonaro, la sua macchina mitologica ha funzionato, invece, con l'uso intensivo dei social network digitali nel disseminare un catalogo di nemici interni²¹ che, in questo senso, non farebbero parte del popolo (anche se, numericamente, rappresentassero un contingente significativo o addirittura intere regioni del Paese²²): dai "petratalhada"²³ ai "professori indottrinanti comunisti", dai difensori della diritti umani agli artisti che hanno fatto affidamento sulla legge Rouanet²⁴. Il popolo si divide e non restarono che i buoni cittadini, che furono chiamati come veri sovrani nel discorso di insediamento di

¹⁹ Rodrigo Nunes indica la modalità operativa del bolsonarismo in termini simili a quelli qui proposti (Nunes, 2021).

²⁰ *Slogan* della candidatura di Bolsonaro alle elezioni del 2018.

²¹ Patrícia Campos Mello fornisce un eccellente resoconto sulle modalità di funzionamento di questo dispositivo nel suo libro *A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* (Campos Mello, 2020). Cf anche, in un senso un po' diverso da quello qui proposto Avelar, 2021.

²² Nella regione nord-orientale del Brasile, Fernando Haddad, il candidato del PT che ha perso le elezioni del 2018 contro Bolsonaro, ha ricevuto il maggior numero di voti, tanto che il discorso preponderante dei bolsonaristi in relazione alla regione è stato intriso di xenofobia (anche se interna), pregiudizio e razzismo.

²³ Neologismo peggiorativo ispirato al cartone animato *Banda Bassotti* (che in portoghese si chiama *Irmãos Metralha*, espressione associata all'idea del banditismo), collega gli elettori del PT – i detti *petistas* – all'idea di corruzione, criminalità, ecc.

²⁴ Legge creata dall'ex ministro (1991-1992) della Cultura Paulo Sérgio Rouanet come un modo per promuovere la produzione culturale attraverso incentivi fiscali. Nella sfera bolsonarista, la legge è comunemente associata alla frode e alla corruzione che sarebbe praticata da artisti la cui posizione politica dichiarata (come Caetano Veloso o Chico Buarque, tra molti altri) o presumibilmente "di sinistra" mostrerebbe l'associazione di una volgare e cultura falsificata – portatrice di valori anticristiani, gays, femministi, dell'ideologia di genere, ecc. – in connessione diretta con l'idea di corruzione e criminalità.

Bolsonaro al Congresso Nazionale²⁵.

Se nelle dinamiche delle democrazie liberali – del patto sociale – la politica dello Stato ha il suo altro nome nel “monopolio sull’uso della violenza”, è importante notare come nel modello competitivo vi sia una capillarizzazione della diffusione della violenza proprio nelle figure della milizia e degli agenti finanziari. Una delle critiche più persistenti al sistema elettorale di qualsiasi democrazia liberale è il suo modello di finanziamento della campagna elettorale. Questo sistema maschera forze che, sostenendo i loro rappresentanti nella struttura dello Stato, tracciano la strada per raggiungere praticamente lo status di fuorilegge – l’altro nome della sovranità. Con una normativa inesistente sulla tassazione dei profitti e dei dividendi degli azionisti della maggioranza dei grandi conglomerati finanziari, con il controllo della vita dei comuni cittadini attraverso l’indebitamento – oltre alla componente propagandistica (mitologica, per dirla con Furio Jesi (Jesi 2000, pp. 12-14) del necessario sacrificio per impedire che l’economia si fermi (e per questo tutti vengono sacrificati) – gli agenti finanziari agiscono a livello istituzionale-globale così come le milizie a livello sociale-locale. Questi, gli imprenditori locali di successo provenienti da regioni impoverite fondano la loro legge, mentre monopolizzano la violenza; quelli, gli imprenditori globali, vampirizzano intere economie di stati, contribuendo a eleggere o a sostenere piccoli tiranni locali – i loro rappresentanti nelle strutture di quegli stessi stati. Sembra infatti che il fondamento mistico dell’autorità, su cui Jacques Derrida (2007) richiama l’attenzione, non sia altro che un’arma in mano a qualcuno che sta davanti a qualcun altro privo di mezzi di difesa.

Rileggendo la famosa tesi VIII di *Sul concetto di storia*, di Benjamin (Benjamin 2006, p. 486), sembra chiaro che le attuali scommesse contro forme politiche come il bolsonarismo insistano su un ritorno a un patto sociale. Un ritorno a Stati dove il benessere sociale potrebbe avere una certa consistenza; un ritorno che non è nemmeno pensabile in un contesto come quello brasiliano, dove nella storia si sono sentiti solo fragili aliti di benessere²⁶ e dove la nuova norma storica – il naturalismo della concorrenza – è già una costante nelle

²⁵ Il discorso di insediamento di Bolsonaro è stato pubblicato integralmente nel quotidiano *Folha de São Paulo* (Folha de São Paulo, 2019)

²⁶ È necessario sottolineare che il progetto Lula, come affermato da Andre Singer (Singer, 2012), ha avuto un ruolo fondamentale per quanto riguarda soprattutto lo sradicamento della fame nello scenario brasiliano. Non si tratta di trascurare questo importante movimento di sviluppo socioeconomico (chiamato da Laura Carvalho di *piccolo miracolo* in riferimento al cosiddetto miracolo economico degli anni 60 – Carvalho, 2018), tuttavia, è necessario considerare anche in che misura questo progetto di “neo-sviluppismo” (Boito Jr., 2018) ha dovuto accogliere le politiche di conciliazione con le élite economiche promosse da Lula nei suoi due mandati. Inoltre, la fragilità del modello può essere vista nel modo in cui, negli anni 2010, i meccanismi politici brasiliani sono riusciti a invertire molti – non tutti – di questi importanti risultati.

modalità dei rapporti sociali a partire dalla decimazione delle popolazioni indigene originarie.

Di fronte a ciò, ci sono solo piccoli freni rispetto a un modello condannato all'autoconsumazione, come ci ricorda Anselm Jappe analizzando le dinamiche del capitalismo in *La Società autofagica* (Jappe 2021). Quindi, possiamo leggere il bolsionarismo come una radicalizzazione delle dinamiche neoliberali, qualcosa che implica anche pensarlo come parte del modello accelerazionista dei processi capitalisti. Legati come dei gemelli siamesi, il conservatorismo morale e il liberalismo economico assumono contorni mostruosi in regioni del globo come il Brasile, dove la dinamica coloniale segna la storia attraverso la violenza e lo sfruttamento, e il bolsionarismo potrebbe diventare un nuovo nome di quella dinamica (coloniale).

Bibliografia

- Agamben, Giorgio. 1997. *Homo sacer. Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino: Bollati Boringhieri.
- — —. 2003. *Stato di eccezione. omo sacer*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Almeida, Silvio Luiz de. 2019. *Racismo estrutural*, São Paulo: Sueli Carneior; Pólen.
- Avelar, Idelber. 2021. *Eles em nós. Retórica e antagonismo político no Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: Record.
- Benjamin, Walter. 2006. "Sul concetto di Storia" in *Opere complete VII. Scritti 1938-1940*, a cura di Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhauser, edizione italiana a cura di Enrico Ganni. Torino: Giulio Einaudi.
- Boito Jr., Armando. 2018. *Reforma e crise política no Brasil. Os conflitos de classe nos governos do PT*. Campinas; São Paulo: Unicamp, Unesp.
- Bresser Pereira, Luiz Carlos. 2018. "Capitalismo financeiro rentista". *Estudos avançados* n. 32 (92): <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180003>
- Brown, Wendy. 2019. *Nas ruínas do neoliberalismo. A ascensão da política antidemocrática no ocidente*, tradução de Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politéia.
- Buck-Morss, Susan. 2018. *Mundo de Sonho e Catástrofe. O desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos*, tradução Ana Luiza Andrade, Rodrigo Lopes de Barros, Ana Carolina Cernicchiaro. Florianópolis: UFSC.
- Campos, Eduardo. "Dois livros de Guedes para desvendar o enigma de Bolsonaro", *Seu Dinheiro*, 28 de julho de 2019.

- <https://www.seudinheiro.com/doi-livros-de-guedes-para-desvendar-o-enigma-de-bolsonaro/>
- Campos Mello, Patrícia. 2020. *A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, Laura. 2018. *A valsa brasileira. Do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia.
- Carvalho, Olavo de. 2005. "Loucura visível", *Diário do comércio*, 25/10/2005. <https://olavodecarvalho.org/tag/friedrich-von-hayek/>
- . 2008. "Fugindo à luta", *Diário do comércio*, 21/09/2008. <https://olavodecarvalho.org/tag/friedrich-von-hayek/>
- Castro Rocha, João Cezar. 2021. *Guerra cultural e retórica do ódio. Crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos.
- Cesarino, Letícia. 2021. "Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética". *Ilha-Revista de Antropologia*, voll. 23, n. 1, pp. 73-96.
- Chamayou, Grégoire. 2020. *A sociedade ingovernável. Uma genealogia do liberalismo autoritário*, tradução Letícia Mei. São Paulo: Ubu,
- Derrida, Jacques. 2007. *Força de Lei. O "Fundamento místico da autoridade"*, tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.
- Fabri, Luigi. 2009. *La controrivoluzione preventiva*. Milano: Zero in condotta.
- Folha de São Paulo. 2019. *Leia a íntegra do discurso de posse de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso*. 01/01/2019. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>
- Fonseca, Francisco César Pinto da. 1994. *A imprensa liberal na transição democrática (1984-1987): projeto político e estratégias de convencimento (Revista Visão e Jornal O Estado de São Paulo)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp.
- Governo do Brasil. "Tanzânia liquida sua dívida com o Brasil", 19 de novembro de 2020. <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/camex/financiamento-ao-comercio-exterior/recuperacao-de-creditos/noticias-sobre-reestruturacao-de-dividas/tanzania-liquida-sua-divida-com-o-brasil>
- Hayek, Friedrich. 1985. *Direito Legislação Liberdade. Uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e de economia política*, vol. 1. tradução Henry Maksoud. São Paulo: Visão.
- . 1998a. *Law, Legislation and Liberty. A new statement of the liberal principles of justice and political economy*. Voll. 1. London: Routledge.
- . 1998b. *Law, Legislation and Liberty. A new statement of the liberal principles of justice and political economy*. Voll. 2. London: Routledge.

- — —. 1990. *O Caminho da Servidão*, tradução Anna Maria Capovilla, José Italo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. Rio de Janeiro: Instituto Liberal.
- — —. 2011. *The Constitution of Freedom. The definitive edition*, ed. Ronald Hamowy. Chicago: The University of Chicago Press.
- Jappe, Anselm. 2021. *A sociedade autofágica. Capitalismo, desmesura e autodestruição*, tradução Júlio Henriques. São Paulo: Elefante.
- Jesi, Furio. 2013a. “Conoscibilità della festa” in Jesi, Furio. *Il tempo della festa*, a cura di Andrea Cavalletti. Roma: Nottetempo.
- — —. 2011. *Cultura di destra. Com ter inediti e um'intervista*, a cura di Andrea Cavalletti. Roma: Nottetempo.
- — —. 2001. “La festa e la macchina mitologica” in Jesi, Furio. *Materiali mitologici. Mito e antropologia nella cultura mitteleuropea*, nuova edizione a cura di Andrea Cavalletti. Torino: Einaudi.
- — —. 2013b. “La lettura del ‘Bateau ivre’ di Rimbaud” in Jesi, Furio. *Il tempo della festa*, a cura di Andrea Cavalletti. Roma: Nottetempo.
- — —. 2000. *Spartakus. Simbologia della rivolta*, a cura di Andrea Cavalletti. Torino: Bollati Boringhieri. *Jornal do Brasil*, 01 gennaio de 1977.
- Karmy, Rodrigo. 2016. “El milagro neoliberal” in Serrano, Mary Luz E. (org.) *El Abc del neoliberalismo*. Viña del Mar: Ed. Communes.
- Klein, Naomi. 2008. *A doutrina do Choque. A ascensão do capitalismo de desastre*, trad. de Vânia Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lara Resende, André. 2022. *Camisa de força ideológica*, São Paulo: Portfolio; Penguin.
- Negri, Antonio. 2002. *O Poder Constituinte. Ensaio sobre as alternativas da modernidade*, tradução Adriano Pilatti. Rio de Janeiro: DP&A.
- Nunes, Rodrigo. 2021. “Pequenos fascismos, grandes negócios”. *Piauí*, n. 181, outubro 2021. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/pequenos-fascismos-grandes-negocios/>
- O *Estado de São Paulo*, 22 settembre 2018. <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,seu-dinheiro-site-de-investimentos-estreia-amanha,70002514379>
- Onofre, Gabriel da Fonseca. 2018. *O Papel dos Intelectuais e Think Tanks na propagação do Liberalismo Econômico na segunda metade do século XX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- Pedretti, Lucas. 2021. “Os ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura” in. *Agência Pública*, 30 de agosto de 2021. <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/>
- Ribeiro, Frank. “Uma legenda brasileira na terra do Kilimanjaro”, *Jornal do Brasil*, 04 de agosto de 1984.

- Rocha, Camila. 2021. *Menos Marx, mais Mises. O liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia.
- Schmitt, Carl. 2001. "Teologia Política" in Aguilar, Héctor Orestes. *Carl Schmitt, Teólogo de la Política*. México: Fondo de Cultura.
- Singer, André. 2012. *Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stiegler, Bernard. 2015. *L'emploi est mort, vive le travail! Entretien avec Ariel Kyrou*. Paris: Éditions Mille et une nuits.
- Streeck, Wolfgang. 2019. *Tempo Comprado*. 2019. *A crise adiada do capitalismo democrático*, tradução Marian Toldy e Teresa Toldy. São Paulo: Boitempo.
- Yano, Célio. "Eletrobras, Codesa e subsidiárias: o que Bolsonaro conseguiu privatizar em 4 anos", *Gazeta do Povo*. 02/01/2023. <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/estatais-que-governo-bolsonaro-conseguiu-privatizar-eletrobras/>

Vinícius Nicastro Honesko

Professore presso il Dipartimento di Storia dell' *Universidade Federal do Paraná*, in Brasile. Ha tradotto in portoghese testi di diversi autori tra cui Giorgio Agamben, Furio Jesi, Luigi Pareyson, *Tiqqun*, Massimo Cacciari, Jean-Luc Nancy. È autore di *O Paradigma do tempo* (2009), *Mitografias do Brasil contemporâneo* (2020) e *Ensaio sobre o Sensível* (2021). Svolge diverse ricerche che intrecciano i campi dell'estetica, della filosofia politica e della teoria della storia.

Contatto: viniciushonesko@gmail.com

Ricevuto: 15/08/2023

Accettato: 4/03/2024